

Introdução aos Estudos Literários II
Prof. Ana Paula Sá e Souza Pacheco Segundo período

Conceitos-chave em “O Narrador” (*Der Erzähler*), de Walter Benjamin

Aluno: Leonardo Ferreira da Silva Boiko

O principal tema do ensaio de Walter Benjamin é o narrador oral (*Erzähler*), que aqui será vertido como **contador de estórias**¹. Benjamin nota que o contador é essencialmente um transmissor de **experiências** (*Erfahrung*)—termo que denota uma compreensão que cria sentido da vida e do mundo, e contrastado com simples *Erlebnis*, ou vivências, que não conseguem integrar as sensações num todo coerente.

A figura do contador tornou-se para nós remota, porque a arte de contar estórias está acabando. Uma das razões para isso é que “o próprio valor da experiência caiu”. Durante a Primeira Guerra Mundial toda forma de experiência mostrou-se inútil (“a experiência estratégica ante a guerrilha tática, a experiência econômica ante a inflação, a experiência corpórea ante a guerra mecânica, a experiência moral ante o poder político”). Assim, os homens que retornaram da guerra retornaram calados, sem nada para contar; e quando finalmente começaram a escrever livros, os relatos que escreveram foram totalmente diferentes das experiências que são transmitidas oralmente.

A Primeira Guerra é portanto um marco do declínio do contador de estórias, mas Benjamin não a coloca como causa única, nem mesmo atribui tal declínio estritamente como um “sintoma da modernidade”. “É um processo que está ocorrendo há bastante tempo”, um “sintoma das forças produtivas seculares da história, que bem gradualmente removeram a narrativa do reino da fala viva”. Como sintoma antigo deste processo ele cita o surgimento do romance, com Don Quixote como primeiro “grande” livro.

Como o fundamento das estórias é a experiência, os dois antigos tipos do contador são o marinheiro e o camponês: aquele que traz a experiência de fora, e aquele que mergulha na profundidade da experiência tradicional local. Mas é no arquétipo do **artesão** que se encontra a “plena amplitude histórica” do contador, pois ele combina os dois arquétipos no processo do estudante peregrino que se torna o mestre residente. O contador, como o artesão, absorve o “material cru” dentro de si para trabalhá-lo e devolvê-lo com as “marcas de sua mão”. Esse material é a vida humana. O trabalho do artesão é a acumulação de um processo longo, sustentado e paciente, buscando a perfeição encontrada na natureza; esse tipo de trabalho tornou-se impossível na sociedade moderna, que “não faz nada que não possa ser abreviado”.

Dado o seu fundamento na experiência, o contador possui uma inclinação natural para fins práticos, ou seja, ele é alguém que dá conselhos. Como consequência da queda do valor da experiência, e também da comunicabilidade da

¹A palavra “estória” é empregada no sentido dado por João Ribeiro como “conto popular, narrativa folclórica”, equivalente ao inglês *story* (RIBEIRO, J. *O folk-lore: estudos de literatura popular*. Rio de Janeiro, 1919).

experiência, o indivíduo moderno “não tem conselhos para si mesmo ou para os outros”. Ele se encontra num estado de **perplexidade** (*Ratlosigkeit*, “falta de conselho”). Este estado é o fundamento do romance.

O romance existe de forma embrionária desde a antiguidade, mas precisou da evolução de uma classe média capitalista para poder florescer. Tal classe, com a imprensa como instrumento, também inaugurou (ou pelo menos aumentou grandemente a influência de) outra forma de comunicação: a **informação**. A informação busca o plausível, o próximo e o verificável, sempre tentando ser “compreensível em si mesma” através de numerosas explicações. Todas essas características são contrárias ao espírito da estória, e contribuíram para seu declínio. Em particular, muito do poder da estória vem da deliberada ausência de explicações, que exige ao leitor interpretá-las por si mesmo.

A arte de contar estórias é “sempre” a arte de repetir estórias, e precisa portanto de ouvintes capazes de absorvê-las profundamente. Quando isso acontece, “o dom de recontá-las vem por si só”. Porém, o estado mental que torna isto possível, que é típico no meio social do artesanato, está desaparecendo; trata-se do **tédio**, o “apogeu do relaxamento mental”. Sem oportunidades para esse completo relaxamento, a habilidade de ouvir (profundamente) desaparece, e com ela a de recontar estórias.

Benjamin nota então duas maneiras que a modernidade desfaz a “teia” do “ambiente do artesanato”: de um lado, ela remove o tipo de tédio necessário nos ouvintes; de outro, comentado acima, ela elimina o tipo de trabalho paciente cujo único limite temporal é a perfeição. Benjamin cita Paul Valéry: “É quase como se o declínio da idéia da eternidade coincidissem com a crescente aversão ao esforço sustentado”. Mas a idéia de eternidade, diz Benjamin, tem sua fonte mais forte na morte; se ela está em declínio, a “face da morte” deve ter mudado. E de fato mudou; o que era um evento onipresente, público e vivo na consciência geral, hoje é oculto, privado, fora do mundo perceptivo e conceitual dos vivos. A importância disto é que “a vida só assume forma transmissível no momento da morte”. Mesmo “o mais pobre desgraçado” ganha sobre os vivos uma grande **autoridade na morte**. Esta autoridade “está na própria fonte da estória”.

A característica definidora do romance, como foi notado, é a ausência de experiência, de sabedoria (“conselhos integrados ao tecido da vida”), ou seja, a perplexidade; a “perda do lar transcendental” (Lukacs). Por esta perda, Lukacs argumenta, é que o tempo vira um princípio constitutivo do romance; pois apenas ao ver a vida completa, no passado, é possível encontrar nela unidade, o “inexpressível sentido da vida”. Benjamin diz que “o sentido da vida” é o *slogan* do romance, opondo-se ao da narrativa oral, que é “a moral da estória”. Assim, o leitor de romances sabe de antemão que vai compartilhar a experiência da morte dos seres sobre os quais lê; no mínimo, na morte figurada do fim do romance. Essa consciência alimenta o interesse “ciumento, devorador” do leitor. “A chama que consome o destino deste estranho [o personagem] nos fornece o calor que nunca poderemos extrair do nosso próprio destino. O que atrai o leitor ao romance é a esperança de aquecer sua vida gélida com uma morte sobre a qual ele lê.”